O OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, moeda forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)	4$000	2$000	—$—	—$—
Extrangeiro (união geral dos correios)	5$000	2$500	—$—	—$—

11.º ANNO — VOLUME XI — N.º 353

11 DE OUTUBRO 1888

REDACÇÃO — ATELIER DE GRAVURA — ADMINISTRAÇÃO

LISBOA L. DO POÇO NOVO, ENTRADA PELA TRAVESSA DO CONVENTO DE JESUS, 4

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos.

CHRONICA OCCIDENTAL

É velho como a velhice, mas verdadeiro como a verdade o conhecido rifão de que «a gallinha da visinha é sempre melhor do que a minha.»

Se são raras as pessoas que estão contentes com a sua sorte, são rarissimos os povos que estão contentes com as suas coisas, e povos e pessoas não se fartam de dar razão á sabedoria das nações, n'esta maxima profundissima que ella foi estudar ao fundo da propria natureza humana.

A gallinha de que tratamos é a policia judicial.

Creio que não ha ninguem em Portugal que tenha bocca para fallar, que não tenha dito mal da policia portugueza, que não ha ninguem que tenha penna para escrever, que não tenha gasto os seus centilitros de tinta em descompor essa pobre policia, que representa na nossa vida de todos os dias, o mesmo papel que representa o moleiro, que caminha com o seu filho e o burro na famosa fabula de Lafontaine.

Eu proprio tenho muitas vezes molhado a minha sopa, tenho gasto um bom par de cadernos de papel almasso em dar-lhe pancada, e se hoje em vez de lhe bater lhe faço festas não é por que o remorso me morda ou a penna me doa, é apenas por homenagem á nobre dama Justiça, a quem me préso de ter sempre prestado culto, na medida das minhas forças e na capacidade da minha consciencia.

Mas a verdade que os factos hoje nos estão demonstrando eloquentemente é que, no fim de contas a nossa policia se, em absoluto não é tão boa como deveria ser, relativamente não é tão má como á primeira vista parece.

É sestro antigo entre nós dizer-se de tudo que entre nós se passa menos regular: — Isto só se faz em Portugal!

E em todas as coisas a gente olha lá para fóra, para o estrangeiro, olha para a França que é o paiz para onde estamos sempre a olhar, e tudo isso que cá se faz, se faz lá e ainda muito mais coisas que cá nunca se fizeram.

E na politica e nas lettras, e nas artes e no theatro, em tudo finalmente.

Quando no parlamento ha uma sessão tempestuosa, todos nós nos indignamos profundamente, e vexados de ser portuguezes, bradamos que isso é uma vergonha, que é d'um paiz de hottentotes, que é d'um povo barbaro.

E ao mesmo tempo de Paris vem-nos as narrativas das scenas parlamentares mais extraordinarias, e da America chega-nos o echo de sessões tempestuosas ao pé das quaes as nossas sessões mais agitadas não passam de pequenas borrascas dentro d'um copo d'agua.

Quando em S. Carlos ha uma pateada violenta, quando uma questão litteraria se azeda na imprensa, quando o jornalismo politico lança mão do insulto pessoal, quando na apreciação d'uma actriz ou d'uma cantora se entra um bocadinho na sua historia intima, toda a gente protesta logo, gritando «Escandalo» e lamentando com ares doutoraes esses factos indignos, que só entre nós se praticam.

Nós não defendemos esses factos de modo nenhum, lamentamol-os tambem profundamente, mas contra o que protestamos a nosso turno é contra esse privilegio de invenção e de execução que elles querem dar a Portugal, é contra a phrase banal, injusta e falsissima de «isto não se faz lá fóra, isto só entre nós se faz!»

É falsa, é completamente falsa essa asserção; tudo isso se faz lá fóra, tudo isso, e mesmo ainda mais que tudo isso!

E os exemplos são tantos, tantos, que seria necessaria uma memoria enorme e que nós não temos, para citar aqui de prompto a decima parte d'elles.

Entretanto sem fazermos grandes esforços de reminiscencia lembramo-n'os d'aquellas scenas extraordinarias que no anno passado se deram em Paris, quando um theatro se lembrou de representar o *Lohengrin*, representações que a critica e o jornalismo defendiam contra a germano-phobia de uma parte pequenissima do publico, mas que apesar d'isso essa parte pequena mas bulhenta e ruidosa de publico não deixou proseguir, com aggressões brutaes, selvagens, não só contra o emprezario que punha em scena a opera de Wagner, mas contra os artistas que a executavam, contra o publico que a ouvia!

Lembramo-n'os da questão litteraria bem recente ainda de Sardou com Mario Uchard, de Emilio Zola com Sarcey, de Emilio Zola com os seus discipulos; como jornalismo politico lembramo-n'os do artigo de Paulo Cassagnac quando morreu Thiers, lembramo-n'os dos artigos a respeito de Wilson e de Grévy, lembramo-n'os dos artigos ainda ha pouco publicados quando houve a crise presidencial a proposito do sr. Ferry, e lembramo-n'os dos artigos de hoje ainda acerca de Boulanger, e de toda essa questão do *brav'général*, como lhe chama a imprensa franceza, essa questão que é a mais original e extraordinaria da França politica do nosso tempo.

JULIO RIBEIRO (Segundo uma photographia de Ressoulou)

A respeito de apreciações artisticas, da invasão da vida intima das actrizes na sua apreciação critica, lembramo-n'os da questão Van-Zandt, d'essa notabilissima artista que d'aqui a pouco temos em S. Carlos, e que o publico de Paris expulsou da Opera Comica; das questões havidas com Sarah Bernhardt, do livro de Maria Colombier, e temos aqui á mão um specimen, não de artigos feitos para insultar uma actriz ou um escriptor, de artigos escriptos no ardor d'uma polemica qualquer: mas sim de artigos feitos amavelmente, feitos para livro, sem intenção nenhuma de maguar ou de ser desagradavel, e que em Portugal se se escrevessem levantariam tempestades de indignação e de sentenciosas exclamações de:

— Oh! isto é intoleravel! Isto só cá se faz!

É do livro de Paul Mahalin, *Les jolies actrices de Paris* que vamos tirar esses exemplos.

Fallando da actriz M.me Pasquier-Pasca, do Gymnasio, de que é director Victor Koning, Mahalin diz:

«Parece que essa «senhora» que Girardin fazia sentar á sua meza ao lado do grão-duque Alexio: que essa *passionnelle* que tomára por divisa: «*Je m'attache ou je meurs*,» que essa classica, essa séria, essa indifferente, não trata hoje senão da sua salvação.»

«Effectivamente a toda a hora que se procure — ou em casa ou no theatro — ouve-se sempre esta resposta:

— A senhora está em conferencia com o seu director.»

Mais adeante fallando d'uma actriz do Odéon, Maria Kolb, e tendo contado que ella galgára o caminho que vae do Conservatorio ao segundo theatro francez n'um só pulo, graças á protecção do actor Marais, diz que consta que Maria Kolb padece d'uma affecção *paludosa*.

«— Paludosa?»

«Abri o meu diccionario, procurei a palavra e encontrei: Affecção *paludosa* — doença determinada *par le voisinage d'un marais!*»

Como sabem em Paris ha um auctor dramatico chamado Decourcelle.

Escrevendo a respeito d'uma actriz do Gymnasio, Eugenia Lemercier, o mesmo Paul Mahalin diz:

«Affirmaram-me que Eugenia Lemercier mora na rua de Rivoli. É exquisito; e eu que imaginava que era na rua de Courcelles. É verdade que eu confundo sempre todos os nomes de ruas e de pessoas; naturalmente é o nosso estimavel confrade Decourcelle que mora na rua Lemercier.»

Parece-nos escusado mais citações.

Bastava qualquer d'estes artigos ambiguos, escriptos cá a respeito d'actrizes nossas, para fazer escandalo em Lisboa e provocar ruidosas indignações e verdadeiros diluvios da tal phrase tradiccional:

— Isso não se faz senão na nossa terra!

Agora essa phrase banalissima tem que recolher a quarteis deante das noticias que de Londres nos vem dos assassinios de White Chapel.

Quando em Lisboa se pratica qualquer crime um pouco mysterioso e o assassino não é preso logo, quando aqui ha annos appareceu morta uma desgraçada na rua dos Vinagres sem nunca se saber quem a matou, nós todos nos desentranhámos em censuras á nossa policia.

E essas censuras eram justas, mas o que não era justa era a phrase que as acompanhava a todas como um *Kyrie* de Ladainha — a tal phrase já tão nossa conhecida — que só em Lisboa, só com a nossa policia acontecia aquillo!

E para amesquinhar essa policia toda a gente citava a policia franceza.

Mas em França acontece exactamente a mesma coisa.

No anno passado commetteram-se ali dez ou onze crimes gravissimos de que ainda se não descobriram os auctores.

E então, como no fim de contas a tal phrase não é só nossa, como o annexim da «gallinha da visinha» é cosmopolita, a imprensa franceza censurando a sua policia apontava como exemplo a policia ingleza.

Agora vem os crimes de Londres. Quatro mulheres são assassinadas quasi que a seguir, no mesmo bairro, visivelmente pelo mesmo assassino, e a policia de Londres, a famosa policia com que em todos os paizes se atira á cara da policia local quando ha algum crime que fica impune, anda perfeitamente ás aranhas, não descobre nada, apanha censuras de toda a gente, apanha descomposturas em *meetings*, apanha descomposturas dos jornaes, naturalmente vae apanhar descomposturas no proprio parlamento, apanha tudo, menos os criminosos.

E entretanto o assassino mysterioso de Whiet Chapel escarnece d'ella, faz-lhe partidas como um collegial endiabrado a um prefeito rheumatico de collegio, annuncia aos jornaes os assassinios que vae commetter, commette-os e fica-se a rir, emquanto que Londres inteira anda apavorada, e toda a policia londrina anda em polvorosa.

Ora nós sabemos perfeitamente as condições excepcionaes da vida de Londres, e especialmente do bairro de White Chapel, condições que tornam muito mais difficil o descobrimento d'um criminoso, mas essas condições não justificam de fórma alguma a policia, porquanto essas condições são permanentes, e a policia de Londres é feita para Londres, e deve contar com todas ellas.

A infelicidade da policia londrina n'esta questão, a falta de tacto, a falta de habilidade, a falta de vigilancia de que a repetição dos crimes faz prova, não justifica certamente os erros e faltas da policia franceza, as faltas e os erros da nossa policia, mas mostra uma coisa, é que essa perfeição policial que nós todos e muito bem quereriamos que a nossa policia attingisse, não existe em parte nenhuma, que cá e lá más fadas ha, e que não devemos invejar sempre tanto a gallinha da visinha, que no fim de contas não é muitas vezes melhor do que a nossa.

Na minha ultima chronica fallei-lhes do *Dr. Jójó*, a primeira novidade theatral da estação.

Quando esta chronica sahir á luz já haverá outra novidade — *Os cavalleiros andantes*, na Trindade, de que lhes fallarei no proximo numero.

A companhia do Principe Real, já regressou do Brazil e recomeçou os seus espectaculos com peças já conhecidas.

A companhia de D. Maria regressa por esta semana do Porto, e por esta semana tambem regressarão do Brazil os artistas do Gymnasio e d'outros theatros que ali foram n'uma *troupe* que tinha por principaes figuras Valle, Costa, Silva Pereira e Barbara.

Do Brazil veiu nos uma noticia tristissima, a da loucura do actor Montedonio.

Montedonio era um bello artista comico que no Gymnasio fez epocha ao lado do Taborda e do Valle.

Partiu para o Brazil ha annos na companhia organisada por Furtado Coelho e Lucinda Simões, e lá ficou tratando da vida, ou antes tratando da morte.

Não queria regressar a Portugal sem ser rico e metteu-se a emprezario.

A sorte foi-lhe sempre adversa, e durante 5 annos Montedonio anda pelo Brazil a rolar de desgraça em desgraça, de miseria em miseria, soffrendo dissabores, privações, fome até!

Todos os paquetes que de lá vinham e nos traziam noticias d'elle davam-n'o sempre em precarias circumstancias.

Por ultimo, depois de ter corrido, sempre com o mesmo azar, todo o sul do Imperio, Montedonio foi parar a Pelotas, onde o accommetteu uma congestão cerebral.

Esteve á morte, e os medicos se conseguiram restituil-o á vida, não conseguiram restituir-lhe a memoria.

Montedonio sem estar de todo imbecilisado ficou comtudo exquisito, e perdeu completamente a reminiscencia dos nomes das pessoas e das coisas.

Agora um pouco melhor regressava ao Rio de Janeiro com sua mulher e filhos, mas a viagem foi muito tormentosa e isso aggravou-lhe o seu mal.

Uma noite estando a dormir passou-lhe pela cara uma ratazana.

Montedonio accordou estonteado, e presa de uma allucinação começou a dizer que tinha sido a morte que por elle passára.

A mulher tentou acalmal-o, mas elle nada ouviu, e perfeitamente louco quiz matal-a a ella e aos filhos.

E quando chegou ao Rio o pobre artista estava doido furioso.

Graças á intervenção de José de Mello e á bizarra e caridosa generosidade do conde de Mattosinhos, Montedonio foi recolhido no Hospital da Beneficencia Portugueza.

As furias parece que passaram, Montedonio está mais tranquillo, mas a razão não voltára ainda.

Além d'isso o pobre artista tem uma lesão de coração muito adiantada, e os medicos receiam muito pela sua vida.

Pobre Montedonio!

Gervasio Lobato.

JULIO RIBEIRO

O nome que epigrapha estas rapidas linhas é actualmente um dos ornamentos mais illustres da litteratura brazileira. Dizemos da litteratura e poderiamos affoitamente dizer tambem da sciencia — em especial da sciencia philologica. Com effeito, a obra capital de Julio Ribeiro é a sua *Grammatica Portugueza*, dada á luz ha dois annos, pela respeitavel casa editora de Teixeira & Irmão, em S. Paulo.

N'este valiosissimo trabalho, ao qual a imprensa de Portugal e Brazil deferiu os maximos encomios, deveria o distincto escriptor ter gasto uma grande parte dos seus annos. A profundeza com que se acha laborado o assumpto, o plano eminentemente racional e scientifico a que o subordinou, a vasta erudição e a variadissima cópia de fecundas e proficuas analyses sobre a lingua de Camões e Bernardes, denunciam no auctor um talento superior de investigação, uma paciencia de verdadeiro sabio, servida por faculdades criticas de primeira ordem.

A theorisação das indagações grammaticaes de Julio Ribeiro, sobre tudo na parte respeitante á orthographia — por ventura a mais sólida de todas — não foi ainda aceite pelos escriptores portuguezes e brazileiros; e não o será, por certo, sem que um largo debate se estabeleça sobre a materia.

Em todos os dominios do entendimento humano a verdade é sempre fortemente combatida ou covardemente desdenhada antes de se implantar; torna-se, porém, mais renhido o combate e o desdem mais intenso sobre verdades respeitantes a questões philologicas e grammaticaes. Supp̄omos que a causa d'este phenomeno provém do immediato grau de positividade que os factos d'essa natureza, uma vez expressos, adquirem. Nas linguas, assim falladas como escriptas, a permanencia das fórmas é quasi passageira. Sendo productos sociaes e ethnologicos, participam da evolução das sociedades onde se originam; e assim como estas se differenciam e modificam em dois momentos dados, assim aquellas se alteram e transformam relativamente.

É porém certo que grande numero d'estas alterações, não sendo naturalmente determinadas por circunstancias evolutivas das linguas, cedem ao vicio e á ignorancia. Destruir esse vicio, confundir essa ignorancia, restaurando a verdade ethymologica e restabelecendo a ordem grammatical, é o que a sciencia exige e o que homens competentes por um aturado estudo procuram realisar. Foi para este fim que Julio Ribeiro trabalhou, tenazmente, proficientemente, ligando ao seu trabalho uma inequivoca manifestação da sua profunda e benemerita auctoridade.

*
* *

O esclarecido auctor da *Grammatica Portugueza* nobilita-se ainda, com titulos sobremaneira honrosos na imprensa periodica brazileira. Caracter impetuoso e ardente, perfilhando em todas as questões, doutrinas radicaes; sabendo oppôr-se desassombradamente e com enorme vehemencia ás injustiças e embustes d'este fim de seculo, Julio Ribeiro conquistou para a sua penna de jornalista a consideração das consciencias justas e o respeito das multidões.

As suas *Cartas Sertanejas* são uma collecção de artigos de critica politica, litteraria, scientifica e social que causou a mais viva impressão no imperio' e acaso valeu solemne correctivo, se não completa punição a variados e impenitentes ridiculos.

Atravez da violencia da critica e da mordacidade vivaz do combate, descobre-se n'esses artigos, valentes e brilhantes como laminas de punhaes, uma erudição moderna abundantissima, talvez ultrapassando, aqui e além, os limites da modestia mas em todo o caso, accusativa d'um estudo rigoroso e d'um extraordinario poder de percepção.

Com tão excepcionaes dotes intellectivos, Julio Ribeiro não poderia furtar-se ás luctas da imprensa. Hoje que todos os homens de valor são irresistivelmente arrastados para o jornalismo, mercê da funcção altissima exercida por esta instituição nas sociedades modernas, o signatario das *Cartas Sertanejas*, dispondo de poderosos recursos de polemista e possuindo um estylo correcto, facil, animado, vibrante, foi colhido na corrente e por ella conseguiu elevar-se á mais invejavel culminancia.

A *Procelaria*, jornal de vulgarisação scientifica e litteraria, dirigido e redigido, na maior par-

te, pelo douto escriptor, representou no Brazil, um dos mais importantes vehiculos da civilisação. É um volumoso *compte-rendu* critico de tudo o que na Europa culta foi apparecendo nos dominios das sciencias e das lettras, e um vasto repositorio de interessantes e valiosas composições em verso e prosa, com que se affirmou a parte da nova geração litteraria brazileira que caminha na vanguarda, pela convicção revolucionaria e pela profundidade das doutrinas.

* * *

Ultimamente, Julio Ribeiro manifestou uma nova feição litteraria no romance naturalista a *Carne*, editado pelos já citados livreiros de S. Paulo e impresso no Porto sob os cuidados de Antonio Maria Teixeira, illustrado e sympatico representante da casa editora. Continuando a exprimir a mais desobrigada franqueza sobre os altos meritos litterarios de Julio Ribeiro, não hesitamos na affirmação de que o romance a *Carne* está longe de ser uma obra prima no genero, sem todavia crermos que o seu auctor a inculque como tal, não obstante offerecel-a com dedicatoria em francez, a Emilio Zola, o principe do naturalismo.

Está desde ha muito assente que as aptidões d'um intendimento, por mais complexo e variado que seja, nem todas se evidenciam com egual intensidade. O espirito investigador, tenaz e paciente do philologo. raro se compadece com o temperamento sentimental do poeta ou com a vidéncia artistica do romancista. Entre os processos mentaes do primeiro e os dos segundos abre-se um abysmo que difficilmente poderá ser contido n'um só cerebro. Julio Ribeiro quiz submetter-se á penosa experiencia d'esta verdade, mas dos resultados, não será temeridade suppor-se que o illustre escriptor se desvaneça com o seu nome de romancista a pontos de o trocar pela sua forte e bem justificada fama de polemista e grammatico.

Longe porém de nós a vontade de insinuar que a *Carne* seja um livro absolutamente destituido de valor. Perde-o inquestionavelmente a pequenez quasi mesquinha do entrecho; — um amor fortuito e casual que poderia ser ou deixar de ser obrigado pelas circunstancias, — e uma grande cópia de scenas libidinosas, immoraes, pornographicas, da moda d'aquellas que formavam a base incipiente do realismo, mas que o naturalismo scientifico actual repudia e condemna soberanamente.

Ainda bem que algumas d'essas scenas são expressas em abundantes linhas de reticencias, processo descriptivo o mais commodo que se conhece, mas tambem o mais limpo e decente para taes assumptos.

Offerece no entanto a *Carne* paginas deliciosamente escriptas como só as póde escrever quem a um tempo dispõe de brilho e malleabilidade no estylo, de largos conhecimentos scientificos e d'uma natural penetração para as cousas apparentemente occultas da sociedade e do mundo phisico.

São trechos primorosos os que descrevem a moagem da cana do assucar, a exhuberante e extranha vegetação brazilica, o supplicio do *tronco*, a folga dos negros, os artificios e feitiços do *mganga* Cambinda, a cidade de Santos e ainda a carta que Lenita dirige de S. Paulo a Barboza, se não tivesse o demerito de precipitar a conclusão e o auctor não commettesse o peccado de n'esse escripto se referir á sua propria pessoa.

Vê-se portanto que a *Carne* é apenas uma tentativa não extremamente lisongeira que, no genero, ensaiou o eminente publicista. Não significa isto o menos preço do seu espirito nem o declive das suas notaveis faculdades, mas tão sómente, a nosso vêr, um desvio do campo de acção onde Julio Ribeiro tem produzido e certamente continuará a produzir trabalhos tão meritorios para o seu nome, como para o opulentissimo paiz que lhe é berço.

V. R.

EXPOSIÇÃO INDUSTRIAL PORTUGUEZA

Os membros das commissões executivas da Exposição Industrial Portugueza e da Secção Agricola

João Chrysostomo Melicio, doutor em direito pela Universidade, deputado ás Cortes geraes, é o presidente da commissão executiva da Exposição Industrial Portugueza accumulando o cargo de presidente da commissão executiva da secção agricola eleita na sessão da commissão organisadora em 15 de março de 1888. Jornalista distincto, o dr. João Chrysostomo Melicio é hoje o director do *Commercio de Portugal*.

Conde de Daupias, vice-presidente da commissão executiva da Exposição Industrial, é um dos nossos industriaes mais notaveis pelo seu talento administrativo, do que é prova o desenvolvimento dos estabelecimentos que tem dirigido.

Alfredo Mendes da Silva, industrial, director da Companhia nacional de fiação e tecidos de Torres Novas, deputado ás Côrtes, é o primeiro secretario da commissão executiva da Exposição Industrial Portugueza.

Ricardo Loureiro, segundo secretario da mesma commissão executiva, é membro da empreza ceramica de Lisboa, e por ser um notavel proprietario de Torres, e vinicultor distincto, é tambem membro da commissão executiva da secção agricola da Exposição Industrial Portugueza.

Luiz Eugenio Leitão, negociante abastado da praça de Lisboa, director da Associação commercial, é o thesoureiro da commissão executiva da Exposição Industrial e membro da secção agricola eleita na sessão da commissão organisadora.

Antonio Pereira de Carvalho, da Associação Industrial, negociante e proprietario em Lisboa, é vogal da commissão executiva da Exposição Industrial Portugueza, e membro da secção agricola eleito na sessão da commissão organisadora.

Luiz Diogo da Silva, director da Associação Commercial de Lisboa, um dos mais abastados industriaes portuguezes é membro das duas commissões executivas, a da exposição industrial e a da secção agricola.

Daniel Cordeiro Feio, industrial conhecido da praça de Lisboa, director da fabrica de lanificios em Arroyos a industria nacional deve-lhe valiosos auxilios, é vogal da commissão executiva da Exposição Industrial Portugueza.

Conselheiro *José Joaquim da Silva Amado*, par do reino, director da real fabrica de tecidos de Thomar, é da Associação Industrial, vogal da commissão executiva da Exposição Industrial é tambem da secção agricola.

Dr. *Antonio Centeno*, nome conhecido da praça de Lisboa, director da companhia de vapores para o Algarve, e um dos nossos mais activos industriaes, é vogal da commissão executiva da Exposição Industrial. (a)

Julio José Pires, vogal da commissão executiva da Exposição Industrial Portugueza, director da Companhia de fiação de tecidos lisbonense. (a)

Carlos Pequet Ferreira dos Anjos, vogal da commissão executiva da Exposição Industrial, é negociante matriculado da praça de Lisboa, membro da conhecida firma industrial Anjos & C.ª e director da fabrica de chitas em Alcantara.

Mauricio de Oliveira Martins, vogal da commissão executiva da Exposição Industrial, é o gerente da Empreza industrial portugueza, que tem uma das melhores installações no recinto dos *Annexos á Exposição*, e que o Occidente descreveu largamente em um dos seus ultimos numeros.

Joaquim Moreira Marques, director da companhia do fabrico de algodões em Xabregas e da Companhia de seguros Bonança, e vogal da commissão executiva da Exposição Industrial Portugueza.

Dr. *Fernando Mattoso dos Santos*, deputado ás Cortes, vereador da Camara Municipal de Lisboa e vogal da commissão da Exposição Industrial. (a)

Jeronymo da Silva, conservador do museu industrial de Belem, é vogal da mesma commissão.

José Joaquim Gomes de Brito, industrial e publicista, é vogal da commissão executiva da Exposição Industrial.

João Verissimo Mendes Guerreiro, procurador á Junta do districto de Lisboa, engenheiro civil director das obras do Porto de Lisboa; é vogal das duas commissões. (a)

Manuel Barradas.

AS NOSSAS GRAVURAS

VILLA DE MONCHIQUE

Orgulha-se o Algarve, e com fundada razão, de ter na sua provincia uma villa tão pittoresca e amena como a formosa Cintra da Estremadura—Monchique.

(a) Não se poude obter retratos.

Entre tanto poucos conhecem as bellezas de Monchique; meio ignorado no coração da provincia do Algarve, estende o seu pittoresco povoado nas faldas da serra, coberta de soberba vejetação, regada por finas aguas, n'um ambiente morno, que o rigor do inverno nunca consegue esfriar demasiadamente, nem o sol abrazador do estio eleva a sua temperatura além do facilmente supportavel.

Um verdadeiro paraizo esta Monchique, que não se atavia com as bellezas d'arte que tanto fazem sobresahir Cintra, mas que tem todos os dotes naturaes de uma região pittoresca e amena que só a arte do Supremo Creador sabe e póde dispensar.

Entre os dois pontos mais elevados da serra de Monchique, como são a Foya e a Picota, assenta a villa, que tem uma freguezia de 1:371 fogos, com cêrca de 6:000 habitantes.

A Foya, d'onde dista uns cinco kilometros, é uma elevação que está 1:200 metros acima do nivel do mar, e portanto um dos melhores pontos de vista de Portugal, avistando-se d'esta immensa altura quasi metade do paiz, além de uma boa parte do Oceano.

Monchique é de uma fertilidade extraordinaria. Nos sues campos produzem-se os mais saborosos fructos, que exporta para as terras mais proximas. A lã é um dos seus principaes commercios, fabricando tecidos que tem grande consumo em toda a provincia e baixo Alemtejo.

Sem offerecer todas as commodidades que se encontram em Cintra, tem, comtudo, boas habitações confortaveis e algumas ruas bem tratadas, mas a sua grande superioridade está no temperado do seu clima em qualquer das estações do anno, assim como na excellencia das suas aguas.

Se o desejado caminho de ferro do Algarve fosse já um facto consumado, Monchique seria tambem mais conhecida do paiz e justamente apreciada pelos portuguezes e estrangeiros.

Ahi fica, porém, o aviso aos nossos leitores, para que não deixem, na primeira occasião opportuna, de visitar a formosa Monchique.

ARTES E OFFICIOS

O ENSINO PROFISSIONAL NO ALBERGUE NOCTURNO

A ESCOLA DA ASSOCIAÇÃO

(Continuado do n.º 352)

Antonio Lourenço Lucas,—apparelhador na officina de fundição de canhões do arsenal do exercito;

CONSTRUCÇÕES E MONTAGENS

—A da estrella de crystal que remata o obelisco do monumento do Bussaco, para o que fez, na Marinha Grande, o modelo de madeira, e em Lisboa dirigiu o fabrico dos moldes em bronze para a fundição.

Foi tambem encarregado de todo o trabalho de acabamento e collocação no Bussaco.

—Construcção do tecto de ferro e vidro para a sachristia da capella do monumento do Bussaco, sua collocação, etc.

—Construcção do apparelho, armando em escada systema Fernandes, para a collocação da estrella no obelisco; apparelho em que podem trabalhar tres operarios.

—Desenho e direcção da construcção de um pé de bronze para uma concha natural de grandes dimensões, (para agua benta) na capella do Bussaco.

—Projecto e construcção de uma officina de fundição, com frente de ferro e cobertura de ferro e zinco; outra egual para carpinteiros.

—Ampliação da officina de torneiros, moldagem de tornos, etc.

—Assentamento e montagem de uma machina de vapor, caldeiras, chaminé, etc.

—Construcção e assentamento de um novo ventilador para os fornos de manga e para todas as forjas da officina de forjadores.

—Projecto e construcção da officina de forjadores com frente de ferro, cobertura de ferro e telha de Marselha.

—Montagem de dois fornos de manga.

—Construcção de um forno de reverbéro circular para 15:000 kilos de bronze.

—Assentamento de um guindaste de ferro da força de 15:000 kilos para o serviço da fundição de ferro.

EXPOSIÇÃO INDUSTRIAL PORTUGUEZA COM UMA SECÇÃO AGRICOLA

COMMISSÃO EXECUTIVA DA EXPOSIÇÃO

Dr. Silva Amado — Carlos P. F. dos Anjos — M. d'Oliveira Martins — Gomes de Brito — Daniel C. Feio — Alfredo Mendes da Silva — Luiz Diogo da Silva — Jeronymo da Silva — Ricardo Loureiro

Joaquim Moreira Marques — Conde Daupias — João Chrysostomo Melicio — Luiz Eugenio Leitão — Antonio Pereira de Carvalho

(Segundo uma photographia de Camacho)

—Assentamento de um guindaste de ferro, no caes do deposito geral de artilheria.

—Assentamento e montagem de um grande guindaste de ferro, da força de 30:000 kilos, para o serviço da officina de fundição de bronze.

—Construcção de um grande paiol em Beirollas, e collocação de onze pára-raios nos paioes d'este logar.

—Construcção e collocação de dois pára-raios no monumento do Bussaco.

—Um dito para o monumento das linhas de Torres Vedras, em Alhandra.

Todos estes pára-raios são montados em mastros não inferiores a 10^m de altura e sustentados por tripés de ferro.

José Ricardo de San'Thiago,—apparelhador na officina de fundição de canhões no arsenal do exercito;

SEUS INVENTOS E TRABALHOS

—Projecto e construcção de uma machina para o fabrico de lanternetas para peças de calibre de 7 a 15^{cm}, systemas francez e prussiano.

—Projecto e construcção de tres apparelhos mechanicos para o fabrico de laminas de cobre destinadas a sellagem de fazendas nas alfandegas do reino, assim como dois apparelhos de fabricar sellos para tecidos, fardos e wagons.

—Projecto e construcção de dois alicates de mão para numerar os dias do anno, a era e lettra da fiscalisação nos sellos das fazendas depois de collocados.

Actualmente está construindo as machinas e ferramentas necessarias para o fabrico de toda a ferragem dos capacetes do novo padrão adoptado no exercito, e consta do seguinte:

Cunhos e sacca-bocados para cunhar e recortar as chapas dos capacetes.

Cunhos e sacca-bocados para cunhar e recortar cruzetas para os mesmos.

Machina para furar e cercear numeros e emblemas para as chapas.

Sacca-bocados para cercear e recortar carrancas para franqueletes e grilhões.

Cunhãs e sacca-bocados para cunhar e recortar argolas para os grilhões.

Machina com destino ao fabrico de virolas para palas de capacetes e bonets.

José Dias Pereira,—apparelhador na officina de fundição de canhões do arsenal do exercito;

SEUS INVENTOS

—Machina de fazer rolhas de cortiça, com a vantagem de aperfeiçoar e baratear este producto, de 40 réis a 15 réis cada uma.

—Machina de tornear mandris de aço para imprimir nas peças de bronze de todos os calibres.

—Machina de abrir os malhetes nos percutores para espoletas do material prussiano.

—Machina de puxar, gravar e cortar laminas de cobre, para a nova sellagem das fazendas nas alfandegas.

—Machina de cortar chapas de differentes espessuras.

—Machina de puxar tubos de cobre, em maiores diametros, para escorvas de fricção das peças de artilheria.

—Machina para puxar tubos de cobre, em menores diametros, para escorvas de fricção das peças de artilheria.

—Prensa de mão para fechar e marcar as laminas dos sellos das alfandegas.

—Alicate de mão, para fechar e marcar laminas de cobre e sellos de chumbo das alfandegas

—Prensa de mão, para fazer frictores de cobre para escorvas de fricção.

—Apparelho de fazer o furo em que se embebe o cordão, nas rolhas de cortiça, para cantis dos militares.

—Apparelho de fazer rolhas de cortiça, conicas.

—Apparelho para fazer a garganta em tacos d'espoletas de papel para peças d'artilheria.

—Apparelho de fazer frictores de cobre, para escorvas d'obturação, de peças de 28^{cm} do material Krupp.

—Apparelho de fazer cavilhas de segurança, para differentes espoletas.

—Ferramentas precisas para o fabrico das espoletas do material Krupp.

—Ferramentas de puxar cobre para cintas de granadas de 9^{cm} do material prussiano.

—Ferramentas para o torneamento de differentes granadas e projectis.

—Ferramentas de fazer botões de guiso, de metal branco, para os fardamentos dos creados da casa real.

MODIFICAÇÕES

—Machina de puxar tubos exteriores para escorvas de fricção.

—Machina de puxar tubos interiores para escorvas de fricção.

—Machina de furar espoletas de tempos de 8, 12 e 15, para granadas ordinarias e com balas.

—Serra circular mechanica para serrar madeira.

—Apparelho de dar signaes por meio da luz do sol e da lua, em tempo de guerra, de um para outro ponto.

MONTAGENS

—Montagem das machinas que se acham na officina de torneiro da fundição de canhões.

—Montagem do motor geral e transformação do mesmo.

Luiz Antonio Varella,—serralheiro mechanico da Companhia Perseverança;

Em 1875, sendo encarregado da parte mechanica da Companhia Industrial Eborense, apresentou á direcção um relatorio acompanhado da planta com os melhoramentos que esta desejava fazer; mas esse trabalho foi confiado á industria estrangeira.

O seu relatorio foi acceite pela direcção para ser executado quando os fundos da companhia o permitissem; mas tendo esta liquidado, 5 annos depois, só poude fazer a mudança de algumas machinas e outras obras indispensaveis.

Queixa-se de falta de protecção aos operarios portuguezes, o que o impediu de tentar alguns inventos e trabalhos mais notaveis.

José Maria da Conceição Fernandes,—mestre da officina de serralheria da escola Rodrigues Sampaio;

MONTAGENS

—Dois guindastres em casa do sr. Manuel Augusto Pereira.

—Installação de uma bomba a vapor, systema Cameron, para o mesmo sr.

—Um pulsador e competente caldeira, systema Bretonière,—para o sr. Jacintho José d'Oliveira.

—Direcção e montagem dos trabalhos metallicos no palacio do sr. Joaquim Guilherme da Cunha (em Castello Branco) etc.

—Em 1876 foi encarregado da officina da extincta empreza Mechanica Industrial;—em 1879 foi contra-mestre na Fabrica Tejo, então parceria mercantil.

Antonio Martins,—engenheiro machinista com a patente de 1.º tenente; chefe technico da officina de machinas do Arsenal de Marinha;

TRABALHOS DE CONSTRUCÇÃO E MONTAGEM

—Risco e construcção da machina a vapor para o primeiro escaler da corveta *Bartholomeu Dias*.

—Apropriação e promptificação para o serviço, na provincia da Guiné, do vapor adquirido para esse fim.

—Exame e concerto da machina da canhoneira *Quanza*.

—Um novo systema de caldeiras de sangrar para as machinas de vapor.

—Direcção da montagem da machina do vapor *Dragão*.

—Direcção dos concertos da machina da canhoneira *Douro*.

—Assentamento das caldeiras e machinas das canhoneiras *Rio Ave*, *Rio Vouga*, etc.

—Está dirigindo a construcção de uma machina da força de 100 cavallos nominaes, para a canhoneira *Zambeze*.

Miguel José Motta,—preparador de physica do Real Collegio Militar e do Instituto Industrial e Commercial de Lisboa, director technico das officinas da companhia portugueza de electricidade.

José Francisco da Costa Ramos (fallecido),—mestre que foi da officina de instrumentos de precisão.—Acompanhou o conselheiro Fradesso da Silveira, em commissão official, á exposição universal de Vienna d'Austria, em 1873.

Aquelino José Maquieira,—actualmente mestre da officina de instrumentos de precisão do Instituto Industrial de Lisboa.

Pedro Maria Alves da Silva,—machinista do Real Observatorio Astronomico da Tapada.

Manuel Caetano da Silva Sepulveda,—conservador e director do gabinete de physica e chimica na quinta regional da Granja.

Francisco de Paula e Mello,—actualmente em Paris completando, por conta do Governo, o curso de mestre de instrumentos de precisão.

Eduardo Pereira,—exerceu o logar de segundo engenheiro na Companhia do gaz.

Marcos Luiz Torres,—conservador do museu da Escola do Exercito.

José Fialho da Silva,—director technico da fabrica de tabacos de João Paulo Cordeiro, no Imperio do Brazil.

Antonio Joaquim Diniz,—mestre da officina do caminho de ferro do norte e leste.

José Maria Jordão,—serralheiro mechanico, montador das machinas, nos caminhos de ferro do norte e leste.

Antonio Dionisio Gaspar de Oliveira,—chefe technico de trabalhos de marceneria e carpinteria. (Artista notavel).

David Pinto Moraes Sarmento,—director das officinas das obras publicas, em Loanda.

Felisberto José da Costa,—guarda-livros da Companhia das Lezirias.

Jorge Ferreira da Silva,—machinista da casa da moeda.

Conde de Valenças.

Concluimos aqui a publicação da nota A do relatorio dos Albergues Nocturnos de 1087. Não publicamos a nota B, porque esta só dá noticia dos alumnos do Instituto Industrial que exercem funcções publicas ou servem empregos particulares de guarda livros e outros. Pela publicação da nota A pertendemos mostrar as vantagens das antigas officinas praticas do Instituto Industrial, pois os notaveis trabalhos e inventos de que se fez menção, todos pertencem a artistas alli educados e que hoje constituem a civilisação portugueza. Folgamos de dar publicidade, nas columnas do OCCIDENTE a este assumpto de tanto interesse, e que aquelles de nossos leitores, que pela sua posição e influencia social, pódem concorrer para o desenvolvimento e melhoria do ensino pratico das artes industriaes, não descurem de o promover, certos de que cooperam para o engrandecimento do paiz, como é o mais ardente desejo de nós todos.

A COMEDIA DA VIDA

O ROMANCE D'UM AMANUENSE

IX

Esse resonar profundamente critico-musical do sr. Leitão, do dono da casa, produziu, como não podia deixar de ser, enorme escandalo na pequena *soirée*.

A menina Alice e o seu acompanhador o Quim Barradas, olharam um para o outro furiosos, e ao passo que apparentavam um sorriso de que não conseguiam disfarçar a côr amarellada, resmungavam:

—Forte malcreado!

A mãe da Alice, tambem com sorriso da mesma tinta, acercava-se da filha e do Quim e esvasava a sua indignação, dizendo-lhes a meia voz:

—Não tornem a cantar. Cantar para esta gente é atirar perolas...

As visitas riam a bom rir, emquanto o Leitão acordava estremunhado, sem perceber nada do que se passava, vexado de se ver de repente transformado em acontecimento da noite e olhando muito admirado e corrido para sua mulher, que lhe ralhava ameaçadora:

—Parece incrivel! a dormir diante de gente, como se fosse um bebé!

E na inflexão colerica, que havia n'estas palavras, comprehendia-se bem, que, se não se estivesse diante de gente, era muito possivel que o Leitão não ficasse só com a descompostura, que sua mulher acompanhasse as palavras com acções, acções que na sua longa vida domestica não era com certeza a primeira nem a segunda, nem mesmo a vigesima vez, que ella, a viuva do bravo do Mindello, lhe... emittia!

E o Leitão desculpava-se o melhor que podia, balbuciava explicações delicadas do seu indelicado somno:

—E' que eu ando muito mal dormido... tenho insomnias.

—Insomnias! repetia a esposa protestando, insomnias! Dorme como um porco!

—Ás vezes, ás vezes, concordava elle, mas outras não. Olhem por exemplo a noite passada não preguei olho... passei-a toda de vella, e por isso...

—Estava passando esta a vapor, é mais rapido! chalaceou o sr. Pereira, com muita bonhomia, alludindo aos roncos de machina, que tinham trahido a somneca do Leitão.

—Faz elle muito bem, approvou o Dominguinhos, fallando com a Ignacinha a meia voz, mas n'uma meia voz que todos ouviam, eu se não estivesse a conversar com V. Ex.ª tambem tinha passado pelo somno, apesar de não estar em minha casa.

A Ignacinha agradeceu-lhe a amabilidade n'um sorriso expressivo.

—E tinha passado pelo somno, continuou elle, porque esta musica faz passar o somno pela gente.

A menina Alice que conversava com o Quim, estava d'ouvido á escuta, a ver o que dizia o Dominguinhos, e fez-se vermelha de furia, mordeu os beiços com uma violencia, que lhe ia fazendo espirrar o sangue e poz-se logo em pé, com um movimento rapido, automatico, de boneca de mola.

O Quim, que nada tinha ouvido, nada comprehendeu d'aquillo, e só o que percebeu foi que a sua interlocutora estava furiosa.

E assustado d'aquelle movimento rapido, assustado ao ver a alteração enorme que de repente se lhe operára nas feições, e as faiscas que havia nos olhos d'ella, olhos de ordinario amortecidos, olhos de carneiro mal morto, perguntou-lhe, pondo-se de pé tambem:

—O que é, minha senhora? Tem alguma coisa?

—Não tenho nada.

—Mas...

—Não é nada, repetiu ella nervosa.

E com voz desabrida, secca, ordenou-lhe:

—Sente-se. Deixe-se estar.

O Quim sentou-se muito intrigado, presentindo que ia passar-se qualquer coisa de extraordinario.

A Alice, muito desempenada, atravessou a sala e parou defronte das cadeiras em que estavam sentados a Ignacinha e o Dominguinhos.

A Ignacia, que conhecia bem a sua amiga, que sabia a má creação de que ella era dotada e do que ella era capaz, fez-se muito pallida e poz-se logo em pé, como se visse aproximar-se um inimigo, como se se preparasse para responder a qualquer aggressão.

—Deixa-te estar Ignacinha, disse a Alice com uma grande meiguice na voz, uma meiguice muito exaggerada para ser sincera, é ao snr. Pereira que eu venho fallar.

—A mim, minha senhora? perguntou o Dominguinhos sem se levantar.

E afagando a sombra de bigode que lhe penujava sobre o labio superior perguntou, recostando-se na cadeira, cheio de ares:

—O que manda d'este seu creado?

—Venho pedir-lhe um favor, disse a Alice muito delicadamente, fazendo esforços heroicos para não explosir, para se conservar serena, para levar até ao cabo o seu plano.

—Voss'lencia não pede, manda! tornou o Dominguinhos n'um tom muito impertinente, assestando o seu monoculo.

—Ah! mando?

—Bem o sabe.

—Isso é serio? insistiu Alice, tomando já a sua resolução.

—Seriissimo!

—Então muito obrigada!

E voltando-se para os convidados, que enchiam a sala, a menina Alice bateu duas palmadas, pedindo silencio n'um—Schiu!

O silencio fez-se logo, e todos ficaram á espera do que queria aquillo dizer, do que se tratava, alguns cheios de terror, receiando alguma nova cantoria.

A menina Alice então explicou, annunciando:

—O snr. Pereira vae recitar o sermão de cinza!

—Bravo! Bravo! disseram os donos da casa, algumas das meninas, e as pessoas que estavam ao pé da mãe e do pae Pereira.

O rosto d'estes dois illuminou-se d'um sorriso de satisfação, um sorriso urgulhoso, triumphal, que queria dizer visivelmente:

—Agora sim! Agora é que vão ver!...

A menina Ignacinha, caindo ingenuamente no laço que a Alice armava, abraçou a idéa com muito enthusiasmo, pondo-se logo a dar palmas e a gritar olhando ternamente para o Dominguinhos:

—Bravo! Bravo! Muito bem, Alice, muito bem Alice.

O Dominguinhos porém protestou logo muito seccado:

—Não, não, isso não, tudo quanto quizer, minha senhora, menos isso!

—Nada! insistiu Alice, o sr. disse que eu não pedia, que mandava, e então está mandado.

E tomando uma *pose* imperiosa, a menina Alice, domando a sua furia habilmente, para tomar um ar galhofeiro, ordenou:

—Já recitar!

—Não posso! insistiu ainda o Dominguinhos, tem-me doido a garganta hoje, não posso fallar em voz alta.

—Póde, póde, tornou a menina Alice cheia de rancor, tanto póde que eu tenho-o ouvido muito bem fallar.

—Vos'slencia é medica? perguntou mettendo a coisa á brincadeira o Dominguinhos.

—Não sou medica, mas tenho ouvidos, replicou ella accentuando muito a phrase cheia de intenções.

—Pois eu tambem os tenho, infelizmente! tornou o Dominguinhos com um sorriso perfido e um tom lamentoso muito insolente para o «*Addio del passato*»

A Alice a este novo golpe fez-se outra vez muito vermelha e ia para disparatar.

Felizmente não lhe deu tempo a mãe da Ignacinha, que, dona da casa, entendeu dever seu vir insistir com o Dominguinhos para recitar, e que n'esse momento chegava e pedia:

—Então, Dominguinhos, dê-nos o prazer do e ouvirmos, todos nós sabemos que recita muito bem, mas nunca tivemos o gosto....

—Oh! minha senhora, respondeu o Dominguinhos, pondo-se então de pé, muito delicado, retomando os seus modos cortezes e curvados, eu não me faço rogado, nem vale a pena, mas seriamente tenho estado hoje mal da garganta...

—Mas isto não é cantar, ponderou para o convencer a Ignacinha.

—Exactamente, isto não é cantar, repetiu a snr.ª Leitão fazendo seu o argumento da filha.

—Graças a Deus! respondeu o Dominguinhos olhando para a menina Alice, que, fulla, e tendo mettido o caso á bulha, voltou as costas despeitada e tornou para junto do Quim

—Olha, menino, lembrou a mãe, a D. Ephigenia aproximando-se, para não te cançares tanto em vez do sermão de cinza que pede mais voz, recita a descripção do incendio...

—Exatamente, approvou a Ignacinha, a descripção do incendio que até tem mais merecimento porque é feita pelo senhor.

—Uma cousa ou outra, disse a snr.ª Leitão, que n'esse assumpto não tinha predilecções.

—O incendio não me lembra bem, desculpou-se o Dominguinhos já meio vencido.

—Então, peço-lhe eu, disse-lhe em voz baixa a Ignacinha.

—Bom! Visto quererem, lá vae! mas não me responsabiliso porque vá até ao fim, resolveu por fim Dominguinhos puchando os punhos, mettendo os dedos pelos cabellos e encaminhando-se para o meio da casa.

—Precisas alguma coisa? perguntou-lhe a mãe.

—Uma cadeira e agua!

—Uma cadeira e agua, pediu a D. Ephigenia á sr.ª Leitão.

A sr.ª Leitão puchou uma cadeira para o meio da casa e chamando o marido disse-lhe:

—Agua!

—Agua! Agua para que? perguntou o Leitão que ainda somnolento não sabia do que se tratava.

—Agua que é para o incendio do Dominguinhos.

Emquanto se faziam estes preparativos o Dominguinhos voltava atraz e curvando-se para a Ignacinha dizia-lhe amavel:

—Olhe que é por sua causa!

—Muito obrigada! agradeceu a Ignacinha apertando-lhe a mão significativamente.

E o Dominguinhos avançou para o meio da sala e encostou-se á cadeira.

—Bravo! Bravo! gritou a Alice, começando a pôr em pratica o seu plano, e dando ruidosas palmas.

E como a um chefe de *claque*, todas as pessoas que estavam na sala, a principiar pela Ignacinha, lhe obedeceram a Alice, dando palmas e bravos, emquanto o Dominguinhos, curvado e commovido, agradecia aquella recepção enthusiastica.

Gervasio Lobato.

(Continúa)

RESENHA NOTICIOSA

INFANTE D. AUGUSTO. Sua Alteza o Sr. Infane D. Augusto foi accommettido de uma pleurisia e endopericardite, que poz em perigo a sua existencia. Felizmente acha-se conjurado o mal e Sua Alteza livre de perigo. Tem sido seus medicos assistentes os srs. Arthur Ravara, Oliveira Feijão e Barros da Fonseca. Desejamos ao illustre principe o seu completo restabelecimento.

VIAGEM REAL. Sua Magestade a Rainha e Sua Alteza o infante D. Affonso continuam em Monza. El-Rei D. Luiz sahiu de Monza e chegou a Spezia no dia 1 do corrente, onde se demorou tres dias. Visitou varios edificios e jantou a bordo do couraçado *Vasco da Gama*, que alli o esperava. Seguiu depois no caminho de ferro com destino a Barcelona, passando por Tolon, Marselha, etc. No dia 7 chegou a Barcelona, sendo esperado pelo ministro portuguez em Hespanha o sr. conde de Cazal Ribeiro, marquez de la Vega de Armijo, representante do governo hespanhol, conde de Xiquena, enviado da rainha, corpo consular, auctoridades civis e militares e grande concurso de povo. A tropa da guarnição formou alas pelas ruas do transito. A recepção do rei portuguez em Barcelona foi o mais festiva possivel. Illuminações, cavalgada historica, recitas de gala, fogos de artificio, serenatas, de tudo houve em honra do rei de Portugal. Sua Magestade alojou-se no pavilhão regio da Exposição. Visitou a exposição e a esquadra hespanhola, que foi expressamente ao porto de Barcelona para prestar as honras reaes a D. Luiz 1 No dia 10 Sua Magestade partiu para Madrid, indo hospedar-se no palacio real, onde lhe foram preparados aposentos especiaes. N'esta corte preparam-se festas de que daremos noticia no proximo numero.

INFLUENCIA DA LUZ NAS PINTURAS. Uma commissão de artistas e scientificos occupou-se ha tempo, em Londres, de fazer experiencias sobre a influencia da luz na deterioração das côres de aguarellas. Para essa experiencia, serviu se de tubos de crystal, em que metteu tiras de papel Watman pintadas com differentes côres graduadas em numero de trinta e nove, que tantas são as tintas que se podem empregar nas aguarellas. Estes tubos expostos á luz do sol e ao ar durante dois annos, deviam dar a prova de quaes as côres que se deterioravam com a acção da luz, tendo-se calculado que os dois annos de exposição á luz do sol, equivalia a 480 annos de luz interior de qualquer museu e a 9:600 annos de luz de gaz. O resultado d'esta experiencia, agora obtido, foi o seguinte: Das trinta e nove côres expostas só doze permaneceram inalteraveis, o vermelho indio, o vermelho veneziano, a terra-senna queimada, terra-senna crua, terra verde, amarello chromo, amarello limão, oxido de chromo, azul da Prussia, azul cobalto, azul francez e griz ultramar. As vinte e sete côres restantes todas soffreram mais ou menos, chegando algumas quasi a desapparecer, como os carmins, amarellos, a sepia e o pardo Vandick, etc. Com respeito á acção da humidade sobre as aguarellas, verificou-se que se não devem empregar tintas originarias de materias organicas, porque são estas tintas as que mais facilmente desapparecem. Para que as pinturas se conservem inalteraveis deve tambem evitar-se que estejam em logares humidos, e que a luz que recebam seja alta. Com estas precauções as pinturas se conservarão atravez de seculos, inalteraveis.

LUZ ELECTRICA PARA USO DOMESTICO. Mr. D'Humy de Londres, inventou uma bateria automatica silenciosa que produz a electricidade. Este pequeno apparelho faz-se funccionar facilmente sem dependencia de conhecimentos especiaes, e póde produzir 10 a 15 lampadas da força de 10 velas cada uma. Um só apparelho produz luz para 8:000 horas com uma economia superior á luz do gaz.

VACCINA CONTRA O CHOLERA. Um medico russo, dr. Gamaleia, communicou ao Instituto de Paris, por entermedio do sabio Pasteur, a descoberta de uma vaccina contra o cholera, manifestando o desejo de fazer experiencias em Paris para provar a efficacia do seu systema, principiando por se vaccinar a si proprio, e depois ir para qualquer ponto que esteja infestado do terrivel flagelo. Veremos o resultado.

AS VIOLETAS NO TOCADOR. As modestinhas flores que vegetam rasteiras, e de que apenas se tem apreciado o seu grato aroma, parecem ter uma applicação importante na conservação da formosa cutis das damas. Na primavera passada as pobres florinhas tiveram em Paris um consumo desusado, o que fez indagar a sua causa. Soube-se então que muitas damas empregavam as violetas á similhança do que praticou a imperatriz Josefina. Esta formosa dama, lavava todos os dias a cara e o collo com uma infusão de violetas em leite, e graças a este uso conservou admiravelmente a sua formosura. Hoje as damas francezas, empregando esta infusão, tem obtido o melhor resultado.

ALGARVE — Villa de Monchique (Segundo uma photographia)

Ahi fica a receita, gentis leitoras, e por felizes nos daremos se bem disseres da nossa noticia.

Inedictos de Victor Hugo. Vão ser publicados, em 10 volumes, os inedictos de Victor Hugo, entre os quaes ha: um volume de viagens em Hespanha, Inglaterra, Belgica e Hollanda; um drama intitulado *Gemeos*, baseado na lenda do *Mascara de Ferro*, mysterioso personagem historico; duas comedias e seis volumes de poesias.

PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

Historia da Luzitania e da Iberia: *Desde os tempos primitivos ao estabelecimento definitivo do dominio romano, parte fundada em documentos até ao presente indecifraveis*, por João Bonança. O fasciculo 10.º que chega já a pag. 320 do tomo I, vae no capitulo VIII, referente á *Era Aviaria*, grupo misozoico; trata da origem d'esta donominação. Edades: terrenos, animaes e plantas de cada edade. Terrenos emersos na Peninsula Hispanica. Considerações sobre fauna, flora e condições terrestes no fim d'esta era. É uma obra de sciencia digna do grande historiador que tanto honra o seu paiz. Na Allemanha, um professor da Universidade de Berlim, considera João Bonança um digno successor de Alexandre Herculano, reconhecendo em Bonança o primeiro historiador scientifico do Portugal moderno. Assigna-se esta obra por fasciculos de 32 pag., pagos no acto da entrega, em Lisboa e nas terras em que houver estações postaes, 400 réis cada um. Cada volume pago adiantado 6$000 réis; a obra completa 17$000. Toda a correspondencia deve ser dirigida á Empreza da Historia da Luzitania e da Iberia, Rua Ivens, 41 Lisboa.

Historia da Revolução Portugueza de 1820, *illustrada com os retratos dos patriotas mais illustres d'aquella epoca, etc*, por José d'Arriaga. Livraria Portuense Lopes & C.ª successores de Clavel & C.ª, editores, Porto. Fasciculos 28 e 29 relativos ao 3.º vol. Com este ultimo fasciculo foi distribuido o 2.º brinde que os editores offerecem aos assignantes d'esta obra. É um bom quadro de composição original do sr. Costa Lima, representando *uma Sessão do tribunal do Santo Officio no momento da leitura da sentença ao condemnado.*

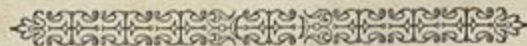
Revista Popular de Conhecimentos uteis *periodico semanal illustrado.* N.º 19 do 1.º anno. Continua interessantissima esta revista de bom ensino e que vai tendo o melhor acolhimento do publico. A publicação de um periodico d'este genero era de ha muito reclamada.

O Testamento Vermelho por Xavier de Montepin, traducção de Cuuha e Sá, illustrado com aguarellas por Manuel de Macedo. David Corazzi editor, Lisboa. 2º vol. d'este romance a que já nos referimos quando recebemos o primeiro volume. Romance de sensação e de effeitos dramaticos como os melhores de Montepin.

A Carteira de Satan *novo manual de theurgia e prestidigitação, illustrado com 65 estampas explicativas.* Por David de Castro. Livraria Internacional de Ernesto Chardron, casa editora Lugan & Geneliaux, successores, Porto 1888. Um vol. in-8.º de cerca de 300 pag.as. Este livro, proprio a despertar grande curiosidade no publico sempre avido de cousas maravilhosas, é um bom mestre para os que cultivam a arte de magia, que constitue um dos mais apreciaveis passatempo em qualquer sala. O snr. David de Castro é autor de outros livros no mesmo genero, que teem sido bem recebidos pelo publico, e estamos certos que a *Carteira de Satan* vae ter egual acolhimento. Com este livro, que apenas custa 800 réis, podem-se passar alguns serões de inverno em alegre distracção, ensaiando e fazendo as sortes que elle ensina. Todos poderão ser prestidigitadores. Nós tambem vamos ensaiar a nossa habilidade guiada por tão bom mestre.

Relatorio e contas *apresentadas pela direcção da Associação Auxiliar de Missão Ultramarina, á assemblea geral da mesma associação convocada em Julho de 1888*, Lisboa. Continua esta util e humanitaria instituição a prestar os seus bons serviços nas missões de Africa, tendo augmentado no anno economico findo, com mais uma nova casa de missões em Lubango.

Album Contemporaneo, *homenagem — commercio, industrias, artes, lettras, sciencias, etc.* Empreza Litteraria Progresso de Lisboa, editora, Lisboa. O fasciculo que temos presente publica o retrato photographico e biographia do sr. José Casaleiro de Alegria Rodrigues, residente chefe junto de Gungunhana e de que o Occidente puplicou o retrato e algumas notas biographicas a pag.as 26 do 8.º vol., por occasião da sua vinda a Lisboa para a assignatura do tratado de vassalagem ao rei de Portugal do regulo Gungunhama, etc., em que era acompanhado pelos enviados especiaes d'aquelle regulo. É conhecida a questão que esta vassalagem levantou na imprensa, sobre a authenticidade dos enviados e poderes de que o sr. Casaleiro vinha investido. A biographia que o *Album Contemporaneo* publica faz inteira justiça aos serviços prestados pelo sr. Casaleiro em Africa, como um dos funccionarios publicos que melhor tem servido a patria.

Cathalogo *dos productos expostos pela Empreza Industrial Portugueza, sociedade anonyma de responsabilidade limitada, capital social 450:000$000 — capital realisado 180:000$000, officinas de construcções metallicas, Santo Amaro — Lisboa, na exposição Industrial Portugueza de 1888.* Este cathalogo além de enumerar os productos expostos, insere os preços dos productos da sua fabricação. É importante a producção d'esta fabrica que honra sobremodo a industria nacional.

Typ. Castro Irmão — Rua do Marechal Saldanha 31 — Lisboa